

ISABELLE

Isabelle foi uma grata surpresa até mesmo para os editores da FTD. Um texto intrigante de um jovem, com apenas 22 anos, que escreve na primeira pessoa e se passa por um famoso escritor com suas glórias e problemas. Intrigante porque conta, com muita naturalidade e conhecimento, experiências que um rapaz dessa idade ainda não passou.

Quando se começa a ler *Isabelle*, tem-se a impressão que quem está falando é o autor, Denny Yang, mas com o desenrolar do texto percebe-se que o personagem nada tem a ver com Denny. O personagem central do livro é um famoso escritor com três livros publicados, sendo os dois últimos sucessos de mídia. Isabelle é sua ex-mulher.

A obra é semelhante a um diário onde o referido escritor conta tudo sobre si, se seus ciúmes por Isabelle às conclusões que chega sobre seu analista. São confissões, como numa terapia, só que intensas, reflexivas e pessoais.

Nosso personagem fala de seu desgosto por ser uma pessoa famosa, que não vai ao shopping, ao mercado ou ao cinema. Particularmente não gosta de coisas materiais, fúteis, mas conheceu todo glamour desse mundo quando se casou com seu grande amor, Isabelle. Nesses conflitos pessoais estão o paradoxo, o enigma e todo o brilho de mais esse lançamento da editora FTD.

Sobre Denny Yang

Nasceu em 1978, na cidade de São Paulo. Estudou no Colégio Batista Brasileiro e no Santo Américo. Ingressou no curso de Economia da FAAP, que abandonou dois anos depois, e no curso de História da USP. Em 98, fez um curso de seis meses de história francesa na Sorbonne, em Paris. Isabelle é seu romance de estréia, escrito quando tinha 22 anos. Suas influências literárias passam de clássicos mundiais a brasileiros como Caio Fernando Abreu e Bernard Carvalho. Trabalha, atualmente, na redação da revista *Question*.

Sobre Denise Eler

Nasceu em Belo Horizonte e é professora da Escola de Design da Universidade Federal de Minas Gerais. Começou sua carreira trabalhando em mídia impressa, mas logo se apaixonou pelas possibilidades e desafios oferecidos pelas novas tecnologias. Tem uma empresa que é a primeira do país focada na área de design da informação e é uma das poucas especializadas em design de interface para cursos virtuais.

Construções com o verbo leve *dar* no Português Brasileiro e a hipótese sintática de base predicativa de Borer

Ana Paula Scher*

1 Introdução

A pesquisa lingüística recente tem mostrado grande interesse por pelo menos dois fenômenos inter-relacionados: a compreensão de como entradas lexicais determinam a projeção de argumentos específicos (Baker (1988), Pesetsky (1990, 1996), Chomsky (1986), entre tantos outros) e a formação dos predicados complexos. Esses dois fenômenos são de fundamental importância para o tratamento de construções do tipo de *dar uma olhada no nenê*, que venho chamando de construções com verbo leve (CVLs).

Neste trabalho, avalio a aplicação da hipótese sintática de base predicativa de Borer (1994) às CVLs com *dar* do português do Brasil (PB). A autora descarta a proposta de múltiplas entradas lexicais sugerida, entre outros, por Levin & Rapaport Hovav (1992) (*apud* Borer (1994)), para dar conta de alternâncias do tipo inacusativo/inergativo. Propõe que a descrição correta da inacusatividade e da inergatividade deve se basear nas propriedades de todo o predicado, e não apenas nas especificações determinadas por um item lexical: as propriedades aspectuais do predicado serão relevantes para a determinação de sua representação estrutural.

A natureza atética¹ das CVLs com *dar* do PB representa um problema para a análise de Borer. A autora prevê leitura atética para construções inergativas que não projetam [Spec, AspP] e podem ter

* USP.

¹ Um evento é atético, para Borer, se não se realiza completamente e não é marcado por um ponto terminal.

um PP adjunto a essa projeção. Mostro que as propriedades temáticas do nome dominado pelo PP na CVL impedem que essa representação seja atribuída a elas. Mostro, ainda, que a ausência da leitura tética nas CVLs impede que a estrutura alternativa com PPs assumida por Borer se aplique a elas.

2 As CVLs do PB

Em PB, as CVLs se formam a partir da associação de um verbo leve como *dar*, *fazer*, *pegar*, etc. e um predicado de natureza nominal. As construções com *dar* são bastante produtivas e serão o alvo da discussão desse trabalho. Parto da observação de sentenças como (1), em que o verbo *dar* se associa a um elemento nominal e forma com ele o real predicado da sentença:

- (1) O João deu uma limpada na mesa.
- (2) O João deu um presente pra Maria.

(1) é superficialmente semelhante às bitransitivas com *dar*: (1) e (2) são S V NP PP. Há, porém, algumas diferenças importantes entre (1) e (2) no que concerne à atribuição de papéis temáticos. Enquanto as relações temáticas em (2) são determinadas por *dar*, o mesmo não se aplica a (1). Nada em (2) indica que *dar* seja responsável pelos papéis temáticos dos seus NPs. Não há evidências de que *o João* seja interpretado como fonte, ou de que *a mesa* ou *uma limpada* sejam, respectivamente, alvo ou tema: não faz sentido dizer que *uma limpada* se refira a algo que experimente qualquer tipo de movimento que tenha *a mesa* como ponto final. O NP *uma limpada*, na realidade, contribui significativamente para a atribuição dos papéis temáticos de agente e tema, respectivamente, a *o João* e *a mesa*. Assim, a CVL em (1) difere da sentença bitransitiva em (2) por conter um verbo leve que não toma para si toda a responsabilidade de atribuição de papéis temáticos aos NPs da sentença.

Outro ponto importante é que as CVLs se formam a partir de nominalizações derivadas de verbos intransitivos (*dar uma dormida*), transitivos direto e indireto (*dar uma olhada no nenê*, *dar uma afastada da parede*), bitransitivos (*dar uma mostrada no carro pra ela*) e de inacusativos (*dar uma quebrada*). Além disso, uma aparente impossibilidade de formação de CVLs com *dar* melhora, sensivelmente, se o diminutivo se aplica à nominalização do complexo (*?dar uma prendida / abrida*, mas *dar uma prendidinha / abridinha*).²

² Ver Scher (em preparação) para uma discussão sobre o papel do diminutivo na CVL com *dar* em PB.

Os dados apontam, ainda, que o segmento de sentença em (3), abaixo, poderá ser a continuação de (1), mas, dificilmente, seguirá uma sentença como (4). Veja (5) e (6):

- (3) mas ainda falta limpar os pés.
- (4) O João limpou a mesa.
- (5) O João deu uma limpada na mesa, mas ainda falta limpar os pés.
- (6) *O João limpou a mesa, mas ainda falta limpar os pés.

Essa observação chama a atenção para a diferença de interpretação que pode ser atribuída a (1) e (4): só (4) implica a limpeza completa da mesa, ou seja, só (4) pode ser descrita como representação de uma eventualidade³ tética nos termos de Borer (ver nota 1). (1) não garante que o evento denotado tenha sido realizado completamente. Assim, não pode representar um evento tético. Além disso, (4) descreve, com certeza, uma eventualidade de mudança de estado. A mesa passa do estado de suja ao estado de limpa. (1) não implica essa mudança. A expressão *deu uma limpada* não garante que a mesa tenha passado do estado original de estar suja ao de estar limpa. Depois da limpeza que o João fez na mesa, ela pode ainda estar suja, em pelo menos algumas partes, os pés, por exemplo.

Finalmente, considerando-se as categorias aspectuais de Vendler (1967), pode-se observar que, à primeira vista, só nominalizações de verbos que denotam eventualidades do tipo *atividade* podem formar uma CVL com *dar* (**A Maria deu uma construída na casa* (accomplishment), **A bomba deu uma explodida na hora do rush* (achievement), **O Pedro deu uma ficada em casa* (estativo), *O José deu uma passeada ontem* (atividade)).⁴

As observações feitas até o momento para as CVLs com *dar* no PB evidenciam a necessidade de discussão dos dois fenômenos mencionados no início deste trabalho: considerando-se as sentenças (1) e (2) com o verbo *dar*, vê-se que ele aparece em cada uma delas com interpretações distintas. Se mudarmos o foco de observação para o par de sentenças (1) e (4), tem-se que o verbo *limpar*, em suas duas formas, participa de sentenças que se classificam de modos diferentes quanto ao tipo de eventualidade. A pergunta que se coloca para esses casos é a seguinte: como as entradas lexicais de *dar* e *limpar* nos dados apontados acima determinam a projeção de argumentos específicos?

³ Parsons (1994:20), seguindo Bach (1986) usa *eventualidade* para representar as três categorias principais de sentenças: eventos, estados e atividades.

⁴ Mais adiante, me apoiarei nas observações relativas às categorias aspectuais nas CVLs para a verificação da hipótese sintática de base predicativa de Borer (*op. cit.*) para os dados de CVLs do PB.

3 A Hipótese de Borer (1994)

Borer (1994) distingue quatro hipóteses diferentes para explicar como as entradas lexicais determinam a projeção de argumentos específicos. Tais hipóteses variam em duas dimensões: a) sintática ou não sintática e b) entrada lexical ou predicação

	Sintática	Não-sintática
Entrada lexical	1	2
Predicação	3	4

A hipótese 1 trata da alternância inacusativos/inerativos como entradas lexicais diferentes que se realizam em representações sintáticas distintas (U(T)AH). Para a hipótese 2, entradas lexicais são mapeadas em outras entradas lexicais, resultando em diferentes representações lexicais, mas em uma sintaxe não distinta para construções inacusativas e inergativas (LFG). Segundo a hipótese 4, a sintaxe das construções inacusativas e inergativas é idêntica, mas sua semântica é distinta.

Segundo a hipótese 3, defendida pela autora, a estrutura de predicados inacusativos é diferente da estrutura de predicados inergativos, embora tal diferença não se manifeste na entrada lexical de verbos individuais. A descrição correta da inacusatividade/inergatividade se baseia nas propriedades do predicado e não nas possibilidades de projeção determinadas por uma entrada lexical. As propriedades aspectuais desses predicados são importantes na determinação de sua representação. A associação de diferentes representações sintáticas a esses predicados garante as diferentes interpretações aspectuais e leituras télicas ou atélicas.

De acordo com Borer, as entradas lexicais não conterão qualquer especificação do tipo *interno* ou *externo* para seus argumentos, nem qualquer convenção de elos sintáticos associados à projeção de argumentos: os argumentos são desprovidos de qualquer tipo de rótulo inerente; não se associam a uma estrutura hierárquica. Uma entrada lexical apenas especificará a existência de um número qualquer de argumentos. A associação de papéis temáticos a tais argumentos se dá em forma lógica (FL), onde a semântica de um predicado composto é construída de acordo com o sentido básico do verbo e com a estrutura sintática.

A representação hierárquica dos argumentos, minimamente necessária para a correta atribuição das funções gramaticais, se obtém através de seu movimento para a posição de especificador de alguma projeção funcional. Essa posição é a responsável pelo licenciamento (através da atribuição de Caso, por exemplo) desses argumentos, originalmente desordenados.

Borer sugere que a checagem do Caso nominativo é obrigatória e se dá em [Spec, TP] e que o Caso acusativo será checado em [Spec, AspP], uma projeção equivalente a AGRoP de Chomsky (1993). Para ela, tanto a atribuição de Caso acusativo em [Spec, AspP], quanto a projeção AspP são opcionais, mas, se projetado, [Spec, AspP] deverá ser preenchido. Além disso, as propriedades aspectuais de AspP só se realizam em configuração de especificador-núcleo. Tenny (1987, 1992) afirma que nesse tipo de configuração com um núcleo associado à medida de evento, o NP ou seu vestígio, no domínio de [Spec, AspP], será o medidor do evento. A combinação das restrições acima resulta em três derivações diferentes:

- (7) Spec projetado, Caso não checado, AspP (medidor de evento)
 $[_{TP} \text{Spec} [_{T} T [_{AspP} \text{Spec}_{\text{Caso}} [_{Asp'} \text{Asp} [_{VP} V, NP]]]]]$
- (8) Spec projetado, Caso checado, AspP (medidor de evento)
 $[_{TP} \text{Spec} [_{T} T [_{AspP} \text{Spec}_{\text{Caso}} [_{Asp'} \text{Asp} [_{VP} V, NP]]]]]$
- (9) Spec não projetado, Caso não disponível
 $[_{TP} \text{Spec} [_{T} T [_{AspP} [_{Asp'} \text{Asp} [_{VP} V, NP]]]]]$

A representação em (7) permite uma interpretação télica da eventualidade: ela se realiza completamente. [Spec, AspP] é projetada e deve ser preenchida. O NP nessa posição entra em configuração de especificador-núcleo com Asp, resultando na medição do evento. Sem receber Caso nessa posição, o NP se move ainda um pouco mais, para [Spec, TP], onde checará Caso nominativo. A derivação tem, portanto, um evento medido, um argumento medidor e um nóculo aspectual realizado e, por isso, permite uma interpretação télica, ou seja, uma interpretação de medida de evento. Esta é a representação proposta para os inacusativos.

(8) é similar a (7), a não ser pela checagem de Caso pelo NP em [Spec, AspP]. Nessa posição, o NP desencadeia a interpretação de medida de evento. No entanto, se o NP checa seu Caso nesta configuração, então não pode mais se mover para [Spec, TP] para checar Caso nominativo, e a derivação é excluída, já que a atribuição de Caso nominativo é obrigatória.

Finalmente, (9) não projeta [Spec, AspP], o que força o movimento do NP sem Caso diretamente para [Spec, TP]. A derivação é possível sem a interpretação de medidor de evento. A leitura resultante, portanto, será atélica. Essa é a representação proposta para os inergativos.

(10) abaixo representa um verbo transitivo simples. A posição [Spec, AspP] deve estar presente para que a representação contenha todas as posições de Caso necessárias. A leitura télica, de medida de evento, estará sempre presente em estruturas transitivas, já que pelo menos um dos NPs argumentos definidos pela entrada lexical se moverá para [Spec, AspP] desencadeando tal interpretação. O outro NP se moverá para [Spec, TP] e checará nominativo. Além de medir o evento, alguns argumentos podem delimitar esse mesmo evento, como em contextos de *accomplishment*, em que o próprio medidor é também o delimitador. Em (11), por exemplo, o evento é medido pelo argumento *the house* (a casa) e também delimitado por ele, na medida em que a natureza da medida definida por este argumento implica um fim. O evento em (12), por outro lado, não pode ser delimitado, a não ser que se adicione a ele um argumento indireto direcional. (13) remete exatamente à propriedade de medida que está passando pela mudança central. Se em (12) o evento é medido pelo movimento do carro, a especificação de um ponto de chegada, como em (13), interromperá este movimento, delimitando o evento.

(10) Verbo Transitivo: Spec projetado, Caso checado, AspP (medidor de evento)

[_{TP} Spec [_T [_{AspP} Spec [_{Caso} [_{AspP} Asp [_{VP} V, NP, NP]]]]]]

- | | |
|-------------------------------------|--|
| (11) Kim built the house | <i>Kim construiu a casa</i> |
| (12) They drove the car | <i>Eles dirigiram o carro</i> |
| (13) They drove the car to New York | <i>Eles dirigiram o carro para NY.</i> |

Finalmente, seguindo Hoekstra & Müller (1990), Borer assume que o PP das derivações inergativas é um adjunto e não um argumento, e que todo PP adjunto se projeta fora do VP lexical, adjunto a AspP. O nódulo aspectual não é ativado e a leitura de medida de evento não é possível (14). Logo, PP não pode ter o mesmo caráter de delimitador do evento que tem em (13). Borer assume ainda que PP pode ser argumento de um VP (15). Nesse caso, [Spec, AspP] é projetada e a leitura de medida de evento é possível. PP terá, assim, o caráter de delimitador do evento que tem em (13).

(14) PP das derivações inergativas

[_{TP} Spec [_T [_{AspP} [_{AspP} [_{AspP} Asp [_{VP} V, NP]]]] [_{PP}]]]]]

(15) PP dominado por VP

[_{TP} Spec [_T [_{AspP} Spec [_{Caso} [_{AspP} Asp [_{VP} V, NP, PP]]]]]]

4 As CVLs com *dar* no PB e a proposta de Borer (1994)

Começo esta seção tentando verificar como uma sentença como (1) seria representada no modelo de Borer. Para isso, vou desconsiderar a estrutura interna do complexo *dar uma X-ada*⁵ e assumir apenas que esse predicado toma dois argumentos: [_{XP} X, NP, PP]. Abaixo, seguem mais alguns exemplos em que a CVL com *dar* do PB não apresenta a leitura de telicidade que se espera obter nas construções transitivas, de acordo com a proposta de Borer.

- (16) A Maria deu uma reformada na casa.
 (17) Meu carro deu uma morrida ontem à noite.
 (18) O João foi dar uma conhecida no campus.
 (19) O José quer dar uma pensada no assunto.
 (20) Eu dei uma distraída e o menino caiu na piscina, você acredita?

Nas sentenças acima, as seguintes interpretações são possíveis. A reforma de que se fala em (16) ainda não é a definitiva. Mesmo com a presença do adjetivo *boa* (*A Maria deu uma boa reformada na casa*), a interpretação que se obtém é a de que ela não está completa. Do mesmo modo, (17) não parece indicar que o defeito do carro impediu a continuação da viagem. A comparação das sentenças *Meu carro deu uma morrida na Morais Salles e não pegou mais* e *Meu carro morreu na Morais Salles e não pegou mais* mostra que a continuação e não pegou mais, que indica que a "morte" do carro foi completa, é mais adequada para a segunda que para a primeira. A idéia de incompletude continua presente em (18), (19) e (20) e a leitura de realização parcial da eventualidade fica clara pelas paráfrases possíveis das três sentenças em (21), (22) e (23):

- (21) O João foi conhecer uma parte do campus.
 (22) O João quer pensar um pouco sobre o assunto.
 (23) Eu me distraí um pouco e o menino caiu na piscina.

Percebe-se, assim, que uma CVL com *dar* no PB, uma construção transitiva, denota uma eventualidade a ser interpretada como um evento atético, nos termos de Borer. Estes fatos colidem com a proposta dessa autora, que prevê uma leitura télica, de medida de evento, para as sentenças transitivas, já que a representação sintática desse tipo de sentença conteria sempre o nódulo aspectual ativado.

⁵ Isso não significa que assumo um processo lexical para a formação desse complexo, mas apenas que não tenho espaço suficiente para desenvolver a questão.

Por outro lado, se observarmos que a leitura atélica que se tem nas CVLs do PB também está presente nas construções inergativas e, se assumirmos com Borer que o PP das derivações inergativas é um adjunto e, portanto se projeta fora do VP lexical, adjunto a AspP, teremos na representação em (24) uma possível representação para as CVLs do PB. A sentença em (1), por exemplo, teria a seguinte representação:

- (24) Representação sintática das CVLs com *dar* no PB
 $[_{TP} \text{ O João}_i [_{T} \text{ deu uma limpada}]_j [_{AspP} [_{AspP} [_{Asp'} [_{Asp'} e_j]]_{VP} V_P \text{ NP}]]] [_{PP} \text{ na mesa}]]]$

O fato de a posição de [Spec, AspP] não ser projetada indica que as sentenças representadas por essa estrutura não poderão desencadear a interpretação aspectual atélica, de medida de evento. Além disso, essa posição não estará, obviamente, disponível para a atribuição de Caso acusativo, o que não parece ser problema para as CVLs com *dar*, já que o único elemento nominal sem Caso da sentença é a nominalização em *-ada*, que, por ser parte de um predicado, não se qualifica como portador de Caso.

O problema para essa análise é que, sendo adjunto, o PP não poderá entrar na interpretação do predicado *dar uma X-ada*. Borer até admite a participação do material adjunto a AspP na interpretação do predicado, mas de uma forma distinta da participação que tem o PP localizado abaixo de AspP. Para ela, o material que fica abaixo de AspP fornece o significado central do predicado que pode ser modificado pelo material que vem adjunto a essa projeção. A interpretação das CVLs apresentadas acima deixa claro que o nome introduzido pela preposição *em* é o tema do predicado complexo, κ que o qualifica como parte do material que vai fornecer o significado central do predicado.

Assim, se por um lado (1) não pode ser representada como (14), por outro (1) também não pode ter a representação em (15), ainda que o nome dominado pelo PP possa contribuir para o significado central do predicado complexo. Na verdade, o problema aqui é de outra ordem. Essa representação prevê a ativação de AspP e, portanto, prevê também a leitura de medida de evento para a sentença, uma leitura que não se verifica.

5 Conclusão

Os dados das CVLs com *dar* do PB não servem de sustentação para a hipótese sintática de base predicativa de Borer (1994).

Referências

- BACH, E. (1986) The algebra of events. *Linguistics and Philosophy* 9, 5-16.
- BAKER, M. (1988) *Incorporation*. Chicago, Chicago University Press.
- BORER, H. (1994) The Projection of Arguments. Em E. Benedicto & J. Runner (eds.) *University of Massachusetts Occasional Papers 17 – Functional Projections*, CLSA, Amherst, UMass, 19-47.
- CHOMSKY, N. (1986) *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. New York, Praeger.
- . (1993) A minimalist program for linguistic theory. Em K. Hale & S. J. Keyser (eds) *The View from Building 20*, Cambridge, The MIT Press.
- HOEKSTRA, T. & J. MÜLDER (1990) Unergatives as copula verbs. *The Linguistic Review* 7, 1-79.
- LEVIN, B. & M. RAPAPORT HOVAV (1992) Ms., Northwestern University and Bar-Ilan University.
- PARSONS, T. (1994) *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- PESETSKY, D. (1990) *Experiencer predicates and universal alignment principles*. Ms., Cambridge, MIT.
- . (1996) *Zero Syntax*. Cambridge, The MIT Press.
- SCHER, A. P. (1999) Estrutura argumental do verbo leve DAR. *Estudos Linguísticos XXVIII: trabalhos do XLVI Seminário/1998*, 663-669. UNESP, São José do Rio Preto.
- . (2000) *Verbos Leves em Português Brasileiro: o caso de dar*. Ms., Trabalho apresentado no GEL 2000, em Assis, SP.
- . (em preparação) *As construções com o verbo leve dar no Português do Brasil*. Campinas, UNICAMP.
- TENNY, C. (1987) *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*. Tese de doutorado, Cambridge, MA, MIT.
- . (1992) The aspectual interface hypothesis. Em I. Sag & A. Szabolcsi (eds.) *Lexical Matters*. Stanford, CA, CSLI Lecture Notes, 1-27.
- VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. New York, Cornell University Press.